

2011 - Dia da (des)Unidade Africana

Dia da (des)Unidade Africana

por: Eugénio Costa Almeida©

Quase meio século após o seu nascimento por incentivo e dedicação de Hailé Selassié, o falecido imperador do mais antigo país independente de África, a Etiópia, o Continente Africano, berço da Humanidade, continua a procurar aquilo que tenta desde a sua implementação: a Unidade Africana.

Todavia, a pobreza, a corrupção, a má gestão pública, a má distribuição das riquezas nacionais – com a presença de personalidades demasiado endinheiradas sem que o justifiquem em contraste com a excessiva pobreza de muitos sectores populacionais –; a lapidação quase endémica do erário público, o desmesurado e néscio culto das personalidades – felizmente, nem todos – que domina na grande maioria dos países africanos, a eterna subserviência de alguns políticos africanos às intromissões externas, além de outras causas estranhas, tudo tem motivado para a continuada desunidade africana.

Quase meio século depois da formação da antiga OUA, hoje União Africana, que defendia a Liberdade, a Independência, a Justiça Social para os nossos Povos, continuamos à espera de um Messias que consiga, realmente, unir os Africanos sem que estes percam a sua identidade própria e endógena e consigam transmitir ao Mundo que estão preparados para gerir os seus destinos sem estarem dependentes – leia-se, subservientes quase escravos – das potências externas e dos fundos que chegam do exterior.

África pode, deve, tem de provar, e de uma vez, que mais que fornecedor de mão-de-obra irregular, a maior parte, – especializada e não-especializada – para a Europa ou Américas, produtor de matérias-primas primárias e, ou hidrocarbonetos para os dois colossos dos BRICS (Índia e China, os quais armazenam a maior parte da produção petrolífera do Mundo, destronando os EUA), tem capacidade para transformar, manufacturar, exportar produtos finais com valor acrescentado de modo a melhor a qualidade de vida dos seus filhos.

Mas porque África se apresenta ao espaço Global, quase sempre e somente, como uma mina inesgotável – sê-lo-á? – do Mundo desenvolvido, essa falta de protagonismo permite a violação sistemática do Ocidente – este de forma clara e objectiva – das soberanias africanas consubstanciadas, por exemplo, no que se passou na Cote d'Ivoire, no Sudão, na Somália, ou na Líbia. É certo que essas interferências e violações se devem, unicamente, à inoperância da Unidade Africana.

Quero acreditar, e continuo a esperar, que, de uma vez, e passados este período de convulsões político-sociais, nomeadamente, no Norte de África e no Golfo da Guiné, o Continente Africano consiga, na segunda metade do século da sua existência, encontrar a estabilidade, a Liberdade, a independência total, bons gestores e melhores governantes para a plena Justiça Social do Povo Africano dentro de um espaço multicultural e multilinguístico que forma o belo mosaico que é África.©Publicado no Notícias Lusófonas, na rubrica "Manchete", em 25.Maio.2011, (<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=29094&category=Manchete>)